

## **NARRAR E FABULAR PARA FORMAR LEITORES**

Adalberto Teixeira Rodrigues – UEPB – a\_t.rodrigues@ig.com.br  
Ana Camilla da Silva Rodrigues – UEPB – camillameine@hotmail.com

### **RESUMO:**

Narrar é prática que perpassa a história das civilizações. Apesar da afirmação de BENJAMIN (1994, 197)) em relação à “experiência de que a arte de narrar está em extinção”, o dia a dia em sala de aula parece revelar que narrar pode ser envolvente e facilita o processo de aprendizagem em qualquer dos níveis de formação. É claro que narrar não é uma atividade fácil; talvez por isso, segundo BENJAMIN (1994, 197), “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Tomamos também, para nossa discussão teórica, os apontamentos de Barthes (2009), Bosi (2003), Candido (2004), Colomer (2007), Cosson (2006) entre outros. Os textos literários usados nessa vivência foram contos de Machado de Assis. O professor pode se apropriar da faculdade de narrar para intercambiar suas experiências e torná-las mais envolventes. Mas, para isso, é claro que o professor precisa se encher de experiências afinadas com o seu fazer pedagógico. Nosso propósito é apontar um caminho para formação de leitores, usando as nuances da narração. Entendemos que os artifícios do narrar fisgam os ouvintes, instigando-os na busca de detalhes da histórica em desenvolvimento. Nesse sentido, narramos somente até o ponto em que se instala o suspense. É o professor quem escolhe onde quer instalar o ápice da narração e atizar a curiosidade dos possíveis leitores. A vivência nos diz que os jovens querem experimentar o desenlace, razão porque querem saber qual é a história e quem é o autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrar; intercâmbio; fazer pedagógico.

### **ABSTRACT:**

Narrating is a practice which permeates the history of civilizations. In spite of the BENJAMIN (1994, 197) assertion in relation to "experience the art of narrating is endangered," the day to day in the classroom seems to reveal that recount can be engaging and it facilitates the learning process in any levels of training. Of course narrating is not an easy activity; maybe so, according BENJAMIN (1994, 197), "it is increasingly rare people who can narrate properly." We also take for our theoretical discussion, notes Barthes (2009), Bosi (2003), Candido (2004), Colomer (2007), Cosson (2006) among others. The literary texts used in this experience were tales of Machado de Assis. The teacher can take possession of the faculty of narrating to exchange their experiences and make them more engaging. Therefore, for it happens it is clear that teachers need to fill tuned experiences with their pedagogical working. Our purpose is show a path to educating readers, using the nuances of storytelling. We understand that the artifices of narration hook the listeners, encouraging them in seeking details on the historical development. In this sense, we narrate only till the point where the suspense is installed. It is the teacher who chooses where to install the climax of the story and entice the curiosity of potential readers. The experience tells us that young people want to

experience the outcome, because they want to know which is the story and who is the author.

**KEYWORDS:** narrating; exchange; pedagogical working

## **Introdução**

As dificuldades vivenciadas em sala de aula durante todo o tempo de atuação como professor, em especial as tentativas de cumprir os conteúdos determinados pelos livros didáticos, nos fizeram perceber que nos momentos em que dispúnhamos de um tempo da aula para narrar experiências diversas, a recepção se fazia mais próxima daquela que todo professor de literatura almeja. Havia um calor de expectativa em torno do momento que sugeria novidade, algo diferente, perceptível nos olhos dos alunos, aos olhos do professor. O que ia ficando claro, e estamos convencidos disso, é que a “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 198) despertava (e desperta) a atenção dos alunos, como se eles fossem transportados para dentro da experiência narrada. Talvez a morte da narrativa postulada por Benjamin deva ser vista noutra perspectiva, isto é, na própria aceção de que é o narrador que está em “vias de extinção” e não os ouvintes. Se pensarmos assim, e também pensarmos que não eram todas as pessoas que detinham a habilidade de narrar devidamente, verdade que também se aplica aos dias atuais, pode-se pensar, na figura do professor atual, o curso do narrar como estratégia de vivência do conhecimento em sala de aula. O narrar seria e é um fio condutor em potencial, através do qual os professores podem instigar os jovens a descobrir dados, informações, conhecimento. Pensamos aqui na ideia postulada por JAUSS (1979, p. 65), de que “o expectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura”. Talvez possamos acreditar que esse envolvimento, esse despertar o olhar para a contação, deva-se, também, ao fato de que o narrar pode se constituir como processo ou procedimento que cria o lugar do possível. Esse é um dos elementos na literatura que cria sabor e proporciona saber. Sabor porque alimenta e aguça o desejo do querer mais. Saber porque se busca saciar o desejo, e nessa busca, novos mundos, novas experiências, novos conhecimentos serão vivenciados. É o conhecimento que se constrói pelo prazer. Prazer não de encontrá-lo pronto, mas de construir o enredo, as

ações, o destino das personagens, o desenlace. Porque o texto, nas palavras de Roland Barthes (2009. p.147), “ele produz em mim o melhor prazer quando consegue fazer-se ouvir indirectamente; quando, ao lê-lo, sou levado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa.”

Pensamos que o ensino, em especial de Literatura, não pode se pautar na conceituação, nem na classificação de autor, de estilo de época, de listagem de características, sob pena de se ver o leitor demitido, suspenso do devido lugar que lhe cabe que é o de interagir, de participar da construção dos sentidos do texto. Ler literatura tem que ser experiência alegre, motivadora e significativa, sobretudo se se pretende formar leitores em potencial (COLOMER 2007). Nesse sentido, o modo como o professor conduz as vivências do texto literário com seus alunos é fundamental para o afastamento definitivo ou para a aceitação plena do aluno em relação ao texto artístico, ao texto literário. O professor de literatura tem uma função extraordinária que é a de, além de permitir que o aluno tenha acesso aos textos literários, fazer desse acesso um direito inalienável. Assumir uma postura condizente com a ideia de que “o que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2004, p. 172). Esse próximo é o nosso aluno, na sua maioria jovens; às vezes com sede, mas sede de um modo especial, modo bem particular, porque essa sede está permeada de experiências de mundo, bem como de sonhos e fantasias que projetam um futuro. Necessariamente, não é um mundo artístico romântico que se almeja nas leituras. Os sonhos e fantasias não encaminham o olhar só na perspectiva romântica. A comédia e a tragédia também alimentam as fantasias; por esta razão, potencializam a capacidade de pensar o mundo. Pensando o futuro, este pode ser de muitas leituras: de romances, de novelas, de contos, de crônicas, de lendas, de mitos, de textos outros de natureza artística que podem alicerçar a experiência cultural dos leitores.

Sabe-se que, muitas vezes, somos levados a um texto porque alguém, pode ser e deveria ser sempre o professor, narrou um pequeno momento desse texto. Quase sempre, quando esse narrar é envolvente, cabe destacar “as modalidades afetivas da expressão” a que faz referência Alfredo Bosi (2003. p. 468), perguntamos qual é o texto e de quem é. Isso é sinal de que o texto despertou alguém, tocou a sensibilidade do ouvinte, deixou alguma mensagem significativa. É nesse sentido que pretendemos registrar algumas experiências de leitura com as curtas narrativas de Machado de Assis.

## **Narrar o narrado**

A primeira vivência se deu com o “Conto de Escola” em uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Repetimos essa experiência por quatro anos seguidos, mais precisamente 2009, 2010, 2011 e 2012, sempre com turmas de 1º ano, no primeiro dia de aula do ano letivo. A primeira coisa que fazia era copiar na lousa o título do conto, sem dizer de quem era o texto. Em seguida, pedia que dissessem suas impressões acerca daquele título. Em torno do título, íamos fazendo um círculo com as hipóteses levantadas. Continuando, iniciávamos uma pequena narração, parte do texto, “era no tempo do Rei”, e perguntávamos: que Rei? Já tivemos algum Rei? O Brasil já teve Rei? Esse procedimento aguça a curiosidade e desperta o conhecimento de mundo que eles têm e trazem, nesse caso, das aulas de História. Nessa perspectiva, como observa Cosson (2006, p. 86-87), “é pertinente que se evite uma visão estreita da história como mera sucessão de fatos. Essa contextualização visa relacionar o texto com a sociedade que o gerou.” Levantadas as hipóteses, entregávamos o conto e começávamos a leitura e as discussões. Cada um lia um parágrafo. Desse modo, ninguém dorme e todos contribuem para a dinâmica da aula. Tivemos o cuidado de não dissociar leitura de comentários. Esses dois processos se enriquecem porque o texto apresenta riqueza de detalhes que se perderiam se as discussões ocorressem somente ao final da leitura. Nesse conto, alguns parágrafos precisam ser lidos pelo professor. Eles são verdadeiros momentos cênicos, que só o professor sabe representar no momento da leitura. Tome como exemplo, no texto, o momento em que Raimundo pede cola a Pilar. Os dois cochicham. Por outro lado, quando Policarpo, o professor, descobre que os dois meninos estão trocando informações, o tom da leitura sobe. Dá-se um grito: “ – Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão” (ASSIS, 2002, p. 140).

Fundamental é que o conto apresenta algo bem peculiar; ele permite ser narrado e não apenas lido. Mais do que isso, permite-se intercambiar outras narrativas, seja da própria vida do professor, seja das vidas dos alunos, seja da imaginação de quem está sob o comando da leitura e discussão. São pequenas narrativas que vão se intercambiando com o narrar de Pilar, personagem-narrador do conto. Ressalvadas as diferenças de épocas, a violência é uma marca que acompanha as sociedades e as vivências escolares. Se hoje não tem palmatória, no mínimo, tem “repouso”. Criança de repouso é criança de castigo. E isto se dá na escola atual. Mas não é só, as vivências em casa, nas relações paternas ou maternas também afloram; as sovas se dão com os cintos.

A segunda experiência, um pouco diferente, também com contos de Machado de Assis, envolve narrativas como “A Causa Secreta”, “O segredo do Bonzo”, “O Enfermeiro”, “Teoria do Medalhão” e “Pai Contra Mãe”. Com esses textos, não os levamos para a sala de aula, apenas narramos parte da história, e as narramos em primeira pessoa. Aqui, um eu se assume como personagem que vivenciava a experiência. Por exemplo, em “A Causa Secreta” eu fazia medicina e me chamava Garcia. Mais ou menos assim: Houve um tempo em que eu fazia medicina. Nesse tempo eu era Garcia. Um dia, estando eu a assistir a uma peça, um dramalhão, chamou-me a atenção o homem que estava ao meu lado, chamava-se Fortunato, descobri dias depois. Fortunato só prestava atenção na peça, nos momentos em que havia tragédia. Após a apresentação da peça, de volta ao hospital onde estagiava, fiquei sabendo que Fortunato socorrera um homem vitimado por capoeiras, logo após a apresentação da peça. O curioso é que Fortunato, mesmo não sendo nada do homem, chamava-se Gouveia, e não sendo um conhecido, ficou todo tempo no hospital acompanhando, com extremo zelo, o paciente. Ao final, pagou todas as despesas e foi embora. Mas, quando Gouveia vai à casa de Fortunato para agradecer tamanhos préstimos, é expulso a pontapés, humilhado por Fortunato. A esse tempo, eu já estava bem mais próximo de Fortunato e fiquei ainda mais curioso sobre esse comportamento desse, agora, meu amigo. Sim, porque a aproximação gerou interesse e um convite para formarmos uma sociedade: fundar uma Casa de Saúde. A proposta dele era de que eu deveria cuidar da parte de medicina, área de minha formação, enquanto ele cuidava da parte administrativa. Ele entrava com o capital, eu entrava com os conhecimentos da medicina. Estava fundada nossa Casa de Saúde. Vale lembrar que meu sócio era um curioso da medicina e gostava de realizar experimentos com cães, gatos, ratos etc. Antes de transferi-los para a sua casa, realizava-os na Casa de Saúde, com muitos incômodos para os pacientes. A nossa sociedade comercial gerou mais aproximação, de modo que almoçava e jantava com frequência na casa do meu sócio; este era casado com Maria Luísa, por quem me apaixonei. Ela era uma mulher frágil, acometida de alguma enfermidade que a tornava singular. Frequentemente, era levada ao hospital para tratamento de saúde. O marido não a deixava um só momento; ficava todo tempo ao lado da esposa, num excessivo e estranho zelo. Não me parecia que a amava. Também não me parecia que ela amava seu marido, o casamento se mantinha mais por medo do que por amor, da parte dela. Da parte dele, penso que mais por prazer, algum estranho prazer. Um dia, convidado para almoçar na casa do meu sócio, ao chegar me deparei com Maria Luísa, na sala, assustada

quase não conseguindo falar. A primeira impressão que tive foi de que ela estava passando mal, ao que tentei verificar seus pulsos, mas ela se esquivou, não se permitiu. Talvez por medo de que ao tocá-la não resistisse e confessasse o que também sentia por mim. Seria o encontro dos nossos sentimentos. Com gestos, ela consegue sinalizar que o que a incomoda vinha do escritório. Dirigi-me ao escritório de Fortunato e qual não foi minha surpresa, o meu sócio estava com um rato pendurado pelo rabo, uma tesoura na outra mão, e de um prato, sobre o birô, subiam chamas. Fortunato havia cortado a primeira pata do rato. Parado na porta, eu falei: Fortunato! A concentração do homem era tamanha que apenas respondeu: “Já vou”! Ele prosseguiu, cortava uma pata, descia rapidamente o rato às chamas e subia, como que devesse restar fiapos de vida para prolongar a dor ao animal, e assim o fez com as quatro patas e o rabo. Quando não restou mais fiapo de vida ao rato, ele disse: “Para nunca mais você comer pedaço de papel do meu escritório”. Imediatamente, pensei: Se fez isso com o rato, que apenas comeu um pedaço de papel do escritório, o que faria comigo se descobrisse que sou apaixonado pela sua esposa Maria Luísa. E assim tal fato foi.

### **Considerações finais**

Proceder assim com a contação, sem socializar o desfecho é uma estratégia instigante. A semente fica lançada. Parece funcionar porque, imediatamente, alguns perguntam o título do texto e quem é o autor. Só então escrevemos na lousa “A causa secreta”, ou “O segredo do Bonzo”, ambos de Machado de Assis, por exemplo. Esse procedimento tem nos feito pensar a possibilidade de não mais indicar este ou aquele texto ou livro para leitura, não assim no seco; claro que indiretamente, estamos indicando, provocando no aluno o desejo de buscar esse ou esses textos. Porque são os desejos, as imaginações que alimentam nossas buscas. Esse procedimento que alimenta o desejo rompe as barreiras da resistência à leitura.

Consideramos ainda que o que o professor leva para sala de aula importa muito; mas importa mais ainda o modo como ele propicia a vivência em sala. O texto pode ser dos mais complexos, ao professor cabe intercambiar a aproximação do leitor com o texto.

## Referências

- ASSIS, Machado. **Os Melhores Contos**. Seleção de Domício Proença Filho. 14. ed. São Paulo: Global, 2002.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto Precedido de Variações sobre a Escrita**. Trad. Luís Filipe Sarmiento. (Obras de Roland Barthes) Portugal: Edições 70, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras Escolhidas; vol. 1).
- BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideologia**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- COLOMER, *Teresa*. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- JAUSS, Hans Robert... et al. O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: \_\_\_\_\_. **A literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção**. Cord. e trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Orientações curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, p. 49-83 (vol. 1, Linguagens, códigos e suas tecnologias)